

HISTÓRIAS RECOBRIDORAS: QUANDO O VIVIDO NÃO SE TRANSFORMA EM EXPERIÊNCIA.

HISTÓRIAS RECUBRIDORAS:
CUANDO LO VIVIDO NO SE
TRANSFORMA EN EXPERIENCIA

Iza Maria Abadi de Oliveira
Psicóloga, Psicanalista, cronista. D
outora em Psicologia Clínica (PUC-SP)

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article
Abadi de Oliveira I. (2022) HISTÓRIAS RECOBRIDORAS: QUANDO
O VIVIDO NÃO SE TRANSFORMA EM EXPERIÊNCIA. Intercambio
Psicoanalítico 13 (2), Creative Commons Reconocimiento 4.0
Internacional (CC By 4.0)

HISTÓRIAS RECOBRIDORAS: QUANDO O VIVIDO NÃO SE TRANSFORMA EM EXPERIÊNCIA

AUTOR: TATIANA INGLEZ - MAZZARELLA

ANO: 2021 - 289 PÁGINAS

EDITORIAL BLUCHER

SÃO PAULO

Iza Maria Abadi
de Oliveira ¹

1 Psicóloga, Psicanalista, cronista. Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP). Mestre em Estudos Literários (UFSM). Psicóloga, Psicanalista. Exerce a clínica no serviço público (saúde mental) e no consultório.

Uma consideração inicial sobre essa obra é acerca de seu estilo. Ou seja, isso que estrutura uma escrita compondo o *corpus* de um texto. Maleabilidade e limpidez perpassam da primeira à última linha de *Histórias Recobridoras*. A própria materialidade e diagramação da obra jazem jus a sua materialidade textual. As folhas se dobram suavemente, não há excessos nas linhas que compõem as páginas e sua cor é agradável à visão. Que me perdoem os livros duros de ler, mas a estética de uma obra é fundamental! Agradar nossas mãos, nossos olhos é de um prazer contemplativo e físico.

Seguindo as considerações, é pertinente situar que se trata de uma obra que faz jus ao legado de estilo de escrita freudiana. Seguem algumas razões para tal: a sintaxe textual se consagra por uma escrita límpida diante de temas complexos e diálogos com autores igualmente complexos como dos campos da filosofia, da crítica literária e da psicanálise. É uma escrita de uma limpidez em que pulsa a materialidade da clínica.

Na obra, há uma preocupação radical com o leitor, ajudando-o no acompanhamento da construção dos conceitos e ideias que se entrelaçam, assim como no diálogo entre autores. Isso remete ao trabalho de Mahony (1982), uma das obras importantes sobre o lugar que ocupava o leitor na obra de Freud. Também é digno de nota remeter a um dos textos importantes na literatura psicanalítica brasileira sobre essa radicalidade da alteridade na escrita de Freud, escrito por Freire (2002), psicanalista de uma produção promissora, mesmo partindo cedo em sua jornada nos deixou um belo texto, "O leitor: o Outro indispensável", agraciado pelo prêmio de Ensaios Inéditos Pierre Fédida de 2002.

Nesse universo estilístico que verte a alteridade com o leitor, o conceito de *Histórias recobridoras* brota no psiquismo inconsciente, nos dispositivos do chão da clínica onde se constrói a pesquisa - interrogações, hipóteses e sustentações. Desta clínica que Freud nos ensinou que ao nos debruçar sobre o paciente no *setting* clínico, também nos debruçamos no universo em que ele pertence: sua cultura. Nesse contexto, as produções literárias ocupam, igualmente, um lugar privilegiado.

Assim, a obra-prima de W.G. Sebald, *Austerlitz*, é outro pólen da germinação do conceito de "histórias recobridoras". É relevante ressaltar a notável metodologia no campo da interlocução da psicanálise com a literatura realizada pela autora. Como Luís Cláudio Figueiredo (2021)



observou no evento de lançamento de *Histórias Recobridoras*: a forma como a autora abordou aquela obra de Sebald, foi de uma verdadeira experiência de leitura, distanciando-se de uma psicanálise aplicada - conceito este tão delicado na formação do pensamento psicanalítico. Desde o primeiro capítulo, a obra anuncia para que vem: pensar a transmissão em seus processos de encobrimientos e recobrimientos. O pensamento de Walter Benjamin e seus comentadores é apresentado, juntamente numa releitura, recolocando o pensamento daqueles pensadores realizando uma leitura que possibilita uma apropriação do leitor. Esse é um dos trabalhos mais difíceis: reconhecer uma filiação, refundá-la, resignificando no seu processo de transmissão.

A partir daquele capítulo, são abordadas as formulações do conceito freudiano de lembranças encobridoras e o de histórias recobridoras. Isso é construído com precisões de distinções e aproximações entre uma e outra. Por exemplo, a primeira é regida pelo mecanismo do recalque, enquanto a segunda, da recusa. A partir da operação deste mecanismo, *Verleugnung*, a autora mostra que longe de um mecanismo próprio das perversões, é estruturante para o sujeito não sucumbir a um despedaçamento, tal como se evidenciam na história literária e na história clínica. Juntamente com o fato de nos chamar para pensar a precisão dos conceitos de recalque e recusa, transitando por autores de distintas escolas, *Histórias recobridoras* chama atenção para o fato de que a construção de histórias é feita através de mecanismos de defesas que coexistem em sua estrutura.

Como referido no início destas considerações, este livro faz jus deste seu estilo ao seu conteúdo ao legado freudiano, evidenciando uma de suas fundamentais transmissões: somos feitos de histórias encobertas, recobertas, fantasiadas, ficcionalizadas em que o inconsciente é sua via régia. Eis o que nos diferencia dos outros animais.

Freud nos legou isso desde as histórias clínicas de seus tratamentos com as históricas, que foram recebidas como ficções, comprometendo seu estatuto científico. E ele não recuou diante disso. Com a construção dos relatos escritos sobre os tratamentos clínicos, Freud subverteu os pressupostos da clínica médica da observação e do relato de sintomas, tanto que sua escrita assumiu um estilo literário. Ele afirmou: "(...) a mim mesmo me causa singular impressão de comprovar que minhas histórias clínicas carecem de um severo selo científico, e se prestam melhor a um aspecto literário" (1895/1996, p.124). Entretanto, considerou que isso é mais proveniente da natureza do objeto do que, propriamente, de suas preferências pessoais.

Para além da apresentação de um conceito de pertinência clínica e social, *Histórias Recobridoras* considera a função das histórias diante do traumático, que não cessa de se repetir, mesmo que não tenham função de elaboração, mas de proteção como evidencia a história clínica de Pietra. Mesmo que obliterantes, possibilitam ao sujeito não se despedaçar: cair no próprio vazio de significação tal como foi a vivência do ato traumático.

No caso de Pietra, são apresentados elementos acerca da transmissão psíquica geracional que convergem com as histórias recobridoras. A análise possibilitou, dessa forma, um trabalho que pode ressignificar uma mãe para além de um diagnóstico de esquizofrenia, que produzia em Pietra um anestesiamiento, uma petrificação, uma estagnação. A história recobridora da loucura materna ocupava um lugar totalizante, exercendo a função do tempo do traumático em que passado, presente e futuro convergem.

Por fim, *Histórias Recobridoras* nos convoca para nossa postura como psicanalistas: escutar histórias (faladas ou escritas), narrá-las, transmiti-las com o rigor de uma estilística em que o leitor está em causa. Assim é narrada a comovente história clínica de Pietra: essa mulher aprisionada pelo discurso do Outro, numa posição mortífera de um contexto geracional, não conseguindo construir uma apropriação (transformação) nessa história que lhe é fundante. Diante desse “horror indizível” se recorre a uma história para recobrir o horror ao despedaçamento do vazio insuportável. No processo de análise, Pietra pode se desvencilhar dessa história, construindo outro lugar de narrativa geracional.

Sem histórias, nossa carne, nossos ossos podem sucumbir a um despedaçamento. Talvez, por isso, Freud insistiu desde o início ao fim na construção da sua obra na importância da literatura para a psicanálise. Nosso psiquismo é feito de histórias!

Referências bibliográficas:

FIGUEIREDO, L.C. (2021). Lançamento do livro *Histórias Recobridoras*. Transmitido ao vivo em 23 de setembro de 2021. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_SW4rL4.

FREUD, S. (1895/1996). *Estudios sobre la histeria*. In.: *Obras completas de Sigmund Freud*. Tomo I. Madrid: Biblioteca Nueva, 1996.

FREIRE, J. (2003). *Revista de Psicopatologia Fundamental*. O Leitor: o Outro

indispensável. Ano VI, vol. 2, p. 51-68. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/rlpf/a/](https://www.scielo.br/j/rlpf/a/DnswFYmSVkKVpshMkQnQqqn/?format=pdf&lang=pt)

DnswFYmSVkKVpshMkQnQqqn/?format=pdf&lang=pt, acessado em 25 de setembro de 2021.

MAHONY, P. *Freud como escritor* (1982). Rio de Janeiro: Imago, 1992.